

O PROCESSO FORMATIVO EM SANTO AGOSTINHO: uma leitura de A Cidade de Deus

The training process in Saint Agostinho: a reading of the City of God

Taís Luiz de Almeida¹

Resumo: Este trabalho procede a uma análise da obra A Cidade de Deus, de Santo Agostinho, a respeito da formação do modelo de homem ideal de seu tempo, durante o declínio do Império Romano e o fortalecimento do Cristianismo. Há de se considerar, neste contexto, a importância dos valores educativos, necessários para uma caminhada rumo à cidadania celeste. Assim, diante da elaboração de um novo conceito de cidadania e sociedade, o homem deveria passar por um processo de interiorização – peregrinando pela caridade e esperança rumo à santificação – que também pode ser caracterizado como um processo de autoeducação. Importa ressaltar, que a proposta formativa agostiniana não ficou limitada a seu tempo.

Palavras-chave: Cidade de Deus. Santo Agostinho. Formação. Educação.

Abstract: This work proceeds to an analysis of the work of Saint Augustine's The City of God regarding the formation of the model of the ideal man of his time during the decline of the Roman Empire and the strengthening of Christianity. In this context, the importance of the educational values necessary for a journey towards celestial citizenship must be considered. Thus, before the elaboration of a new concept of citizenship and society, man should go through a process of interiorization - pilgrimage through charity and hope for sanctification - which can also be characterized as a process of self-education. It is important to emphasize that the Augustinian formative proposal was not limited in time.

Keywords: City of God. St. Augustine. Formation. Education.

Introdução

Pretende-se por meio deste trabalho, analisar o processo formativo do homem ideal cristão, expresso na obra agostiniana A Cidade de Deus, tendo como base para a investigação os valores educativos, propostos pelo pensador.

Com a dissolução do Império Romano, a religião cristã ganhou grande aceitação por parte dos setores inferiores daquela sociedade. No entanto, o cristianismo continuou sendo visto como uma religião marginal (GRIMAL, 1999), por estar composto por homens simples e pobres, considerados como um povo sem representatividade. Ao passo em que o cristianismo foi se consolidando, sua igreja passou a ser reconhecida, chegando a conquistar certa legalidade, especialmente após a conversão do imperador Constantino (272-337 d.C.), sendo reconhecida, posteriormente por Teodósio (347- 395 d.C.), como religião oficial do império. Isso possibilitou aos seus representantes uma liderança sobre a nova ordem social que se organizava, de modo que assumiram a função de orientar e apontar os caminhos a serem seguidos pelos homens daquele período para que fosse possível alcançar a nova cidadania – a celeste – que tinha por objetivo consolidar o reino de Deus na terra.

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI –. Rodovia BR 470 - Km 71 - no 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

O magistério da Igreja preocupava-se em propiciar ao homem sofrido conforto moral, que só era possível encontrar em uma religião, que segundo seus líderes, era universal e deveria ser trabalhada segundo as virtudes cristãs. Desencantados com a insegurança, medo e dureza que assolavam suas vidas, esses homens buscavam conforto na religião.

Neste quadro, configurou-se a ascensão política da Igreja, o que resultou na sua participação em questões de ordem civil, por meio de conceitos, valores e ações, com a finalidade de atender às novas demandas sociais. Em meio a este cenário, destaca-se a importância dos Padres da Igreja, que como afirma Pereira Melo e Souza (2010), buscavam uma relação mais harmoniosa entre fé e razão, o que significava conciliar sabedoria cristã e ciência clássica. Dentre estes pensadores, Santo Agostinho destaca-se por ser considerado o sistematizador das ideias dos padres que o antecederam.

Uma breve biografia de sua vida, bem como o período histórico em que viveu, é fundamental para uma melhor compreensão de seu pensamento, pois:

Agostinho vivenciou um período de importantes transformações, tanto nas experiências pessoais, como nas mudanças que atingiram a sociedade romana da época. Grandes acontecimentos marcaram este período e o filósofo presenciou tanto a ascensão quanto o declínio da Igreja (ROCHA, 2012, p.12).

Santo Agostinho e a Cidade de Deus

Aurelius Augustinus nasceu em Tagaste, região da Numídia, no norte da África, em 354 d.C. Estudou em Tagaste, Madaura e foi a Cartago, onde estudou retórica. Depois, lecionou em Tagaste, Roma e Milão. Tornou-se adepto do maniqueísmo e mais tarde, insatisfeito, afastou-se desta seita e aproximou-se do ceticismo, que também não respondeu às suas inquietações. Após o contato com o bispo Ambrósio, com as leituras de Paulo e influenciado também pelo neoplatonismo, converteu-se ao cristianismo. Batizado por Ambrósio, Agostinho tornou-se bispo de Hipona, onde morreu no ano de 430. Esta compreensão da vida de Agostinho é importante, tendo em vista a influência que ela exerceu em seu pensamento e sua obra.

Santo Agostinho viveu em um momento em que o Ocidente Europeu atravessava um período marcado por crises de ordem social, política e econômica. Neste contexto histórico, os pagãos acusavam a religião cristã por enfraquecer o espírito combatente do império. Assim como a maioria dos cristãos, Agostinho lamentava a influência do paganismo diante deste cenário da sociedade romana, somado ao fato de que os religiosos pagãos daquela época, em especial, os platônicos, estavam mais preparados filosoficamente (GREGGERSEN, 2005). Essa preocupação em defender o cristianismo, ao que tudo indica, foi a motivação para a origem da obra *A cidade de Deus*, na qual Agostinho apresenta dois modelos de cidades (Cidade de Deus e cidade terrena). Ele caracteriza a Cidade de Deus como perfeita, imortal e eterna, enquanto a Cidade dos Homens era tratada como a cidade terrena, concupiscível, perecível e marcada pelo pecado original.

A origem das duas cidades está fundada nos dois amores:

Dois amores fundaram, pois, duas cidades, a saber: o amor próprio levado ao desprezo a Deus, a terrena; o amor a Deus, levado ao desprezo de si próprio, a celestial. Gloriosa-se a primeira em si mesma e a segunda em Deus, porque aquela busca a glória dos homens e tem esta por máxima glória a Deus, testemunha de sua consciência. Aquela ensoberbece-se em sua glória e esta diz a seu Deus: sois minha glória e quem me exalta a cabeça. Naquela, seus príncipes e as nações avassaladas e veem-se sob o jugo da concupiscência de domínio; nesta servem em mútua caridade, os governan-

tes, aconselhando e os súditos obedecendo. Aquela ama sua própria força em seus potentados; esta diz a seu Deus: A ti hei de amar-te, Senhor, que és minha fortaleza (AGOSTINHO, 1991, p. 169-170).

A divisão entre as cidades sustenta-se na noção de amar a Deus ou amar o mundo. Deste modo, apresenta a Cidade de Deus como perfeita, do bem em plenitude e a Cidade dos Homens, a do mal e do pecado. O mal é a ausência do bem, portanto este só pode tomar o homem pelo ato da vontade. A Cidade dos Homens se origina do pecado, ligado ao livre arbítrio. Em razão da vontade de satisfazer seus desejos, o homem comete ações pecaminosas.

Segundo Agostinho, o homem tem uma inclinação natural ao mal, que ele chama de pecado original. Por isso, o homem não deve agir com autonomia em sua vida moral, já que o que conduz os seus atos é a vontade e isto pode levá-lo a querer o mal. Para se viver a vontade de Deus, o homem necessita da graça divina para se salvar. Nesse sentido, a graça possibilita ao homem libertar-se da escravidão do pecado, tornando-o capaz de praticar o bem, conforme segue: “O desejo e a prática do bem, motivados pela graça, constituem o selo que marca os homens dignos da cidade de Deus, no interior da ordem celeste” (RAMOS, 2009, p. 54).

Tendo em vista a paz celeste, os homens devem buscar a manutenção da paz social, temporal e frágil. Isso os diferencia dos homens puramente terrenos. Entretanto, não se trata de uma paz como produto de isolamento, ao passo que, os eleitos da cidade celeste almejam também a paz terrena, entre os homens da mesma sociedade. Assim, os eleitos buscam a paz terrena como um meio de aperfeiçoar a paz celeste.

Santo Agostinho considera o fato de que o homem pode tanto buscar, como afastar-se de Deus, pois o homem pode viver em pecado ou viver segundo o espírito.

Assim sendo, o homem não deve valorizar as coisas sensíveis, materiais, que o afastam de Deus, mas as coisas espirituais provenientes do alto, que dá condições para sua caminhada rumo à santificação. Em face disso, Agostinho atribuiu grande importância à educação, pois a considera fundamental no processo facilitador do encontro do homem com a verdade.

O grande propósito da educação em Agostinho é guiar o homem a Deus, única via que alcança o homem ideal, aquela da beatitude a partir de uma adesão total à fé cristã por meio de uma vida ascética, de renovação interior e um comportamento moral que visava interesses transcendentais (PIRATELI, 2014, p. 134).

No pensamento agostiniano, devemos considerar a educação como ação que levaria o homem a atingir sua perfectibilidade. O processo formativo caracteriza-se como um difícil procedimento de purificação moral. Visto que a educação está fundamentada nos princípios da interioridade e da transcendência, Santo Agostinho atribui a Deus a categoria de verdade. Assim, é necessário que o homem se volte para as verdades eternas, presentes em sua alma, graças à iluminação divina.

A Teoria da Iluminação Divina, em Santo Agostinho, não era apenas uma teoria do conhecimento, mas trata-se da forma que a graça divina agia sobre a mente e nas vontades do homem, as quais deveriam ser orientadas por esta graça (PEREIRA MELO; SOUZA, 2010) salvadora e generosa da bondade divina. “Todavia, isto não se daria por intermédio de uma educação formal, mas pela autoeducação, fundada na moral que é promotora da perfectibilidade humana, segundo os moldes do cristianismo” (PIRATELI, 2012, p. 138).

O processo educativo não se realiza por si só, o homem necessita da iluminação divina para concretizá-lo. Neste processo, Agostinho não descarta a importância da mente humana, pois o ato intelectual também era necessário nesta busca pelo bem supremo. Somente em Deus o homem pode realizar seu processo educativo, o que é impossível se não houver a vontade de se buscar a contemplação das coisas divinas.

Na perspectiva agostiniana, Deus é o único responsável pela realização da educação, porém ele não desconsidera a figura do mestre humano neste processo, pois o tem como um mediador entre dimensão divina e humana da dinâmica educacional. Assim, Santo Agostinho estabelece uma hierarquia no processo formativo (Deus, discípulo e mestre). A partir disto, a participação do discípulo, apesar de certo ponto, limitada, deve ser considerada. Isto porque tudo dependia da sua vontade sincera, do seu querer e da sua entrega. Esta ação garantia-lhe um papel intermediário na realização da sua formação. A sintonia entre esses agentes do processo educativo resultaria na formação do homem cristão.

A relevância do estudo do pensamento de Santo Agostinho justifica-se também pela importância de investigar e discutir o processo formativo, em que a educação se caracteriza como uma questão moral. O processo de ascensão espiritual pensado por Santo Agostinho apontava para a necessidade e a urgência da reparação da natureza humana. Este aperfeiçoamento só era possível por meio de um processo que ele denominou de “caminhada” rumo à santificação. Diante desta concepção de educação, entende-se esta caminhada como uma peregrinação, na qual o homem exterior cedia espaço ao homem interior.

Considerando que o processo de progressão moral não era tarefa fácil, outro ponto que justifica nosso projeto é apresentar a educação como um fenômeno divino, bem como os agentes do processo educativo. Conforme apresentado, o homem só aprende em seu interior quando recorre a Deus, que o estimula, por meio dos sentidos, a uma autorreflexão.

Não saias de ti, mas volta para dentro de ti mesmo, a Verdade habita no coração do homem. E se não encontras senão a tua natureza sujeita a mudanças, vai além de ti mesmo. Em te ultrapassando, porém, não te esqueças que transcendes tua alma que raciocina. Portanto, dirige-se à fonte da própria luz da razão (AGOSTINHO, 1999, p. 106-107).

Considerações finais

A máxima agostiniana “Não saias de ti, mas volta para dentro de ti mesmo”, reflete o estado de interiorização em busca da Verdade (Deus), de forma que o homem necessita da iluminação divina para a realização do processo educativo. No entanto, destaca a importância da alma humana no processo do conhecimento, pois o ato intelectual também é necessário. Apesar de considerar Deus como único responsável pela realização da educação, Agostinho destaca o mestre humano como um mediador entre dimensão divina e humana nesta dinâmica.

Vale ressaltar ainda que o pensamento de Santo Agostinho é atemporal, ao passo que ainda nos dias atuais podemos notar sua influência nos estudos sobre a história da educação.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **A Cidade de Deus**: contra os pagãos. Parte 1. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **A Cidade de Deus**: contra os pagãos. Parte 2. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. **Doutrina Cristã**. São Paulo: Paulinas, 1991.

GREGGERSEN, Gabriele. Concepção de história em A Cidade de Deus de Santo Agostinho. **Itinerários, Araraquara**, São Paulo, 2005, 23, p. 69-83. Disponível em: <file:///C:/Users/04810506983/Downloads/2807-6842-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2017.

GRIMAL, P. **O império romano**. Tradução de Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1999.

PEREIRA MELO, J. J.; SOUZA, M. R. Santo Agostinho e a educação como um fenômeno divino. **Educação e Filosofia**. Uberlândia, v. 24, n. 48, p. 409-434, jul./dez. 2010.

PIRATELI, M. R. **A humanitas em Santo Agostinho, ou como santificar o homem nas ruínas do Império Romano**. Maringá: EDUEM, 2012.

_____.M. R. A educação em Santo Agostinho. In: _____. **Ensaio sobre Agostinho de Hipona: música, filosofia e educação**. Maringá: EDUEM, 2014

RAMOS, Angelo A. Z. Cidade de Deus e Cidade Terrena Segundo Agostinho de Hipona. **Revista Eletrônica do Instituto de Filosofia - Science Institute**, Rondonópolis, 2009, ed. 1, v. 2. Disponível em: <<http://www.institutodefilosofia.com.br>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

ROCHA, Márcia Regina. **A contribuição de Agostinho de Hipona para a educação cristã**. São Paulo: PerSe, 2012.

Artigo recebido em 30/05/17. Aceito em 10/07/17.